**UMA AMAZÓNIA QUE É A HUMANIDADE**

Estamos a passar um tempo – uma semana –, em que o bispo de Roma e papa Francisco quer relembrar aquela encíclica que é uma marca no seu caminho, mas tantos querem destruir. Falamos da “Laudato Si`”, um tratado de Ecologia Espiritual para o nosso tempo, e uma reflexão profunda sobre a nossa vida. Mas Francisco caminhou mais adiante e, na sua forma de envolver toda a igreja em sínodo – nesse caminho conjunto com todos -, sobre a Amazónia, donde brotou um suculento documento. A partir dele, aparece a “Querida Amazónia”, que os cristãos e, na Europa, principalmente na Igreja Alemã, aponta como o ultrapassar dos sonhos à realidade. A “Amazónia” aparece, assim, como um relâmpago, do Espírito Santo, para animar todos aqueles que caminham no sentido da Igreja ser a congregação das mulheres e dos homens de todo o mundo, que imerge contra uma igreja silenciosa e de braço-dado com os poderes. A “Laudato Si`”, o Sínodo Amazónico e a “Querida Amazónia”, são uma preparação para o sopapo que a igreja está a precisar, o que vai acontecer no Sínodo Alemão e no Sínodo convocado para refletir sobre a sinodalidade.

Tudo se conjuga para que a igreja seja o sinal de Jesus, que não tem sido. As mensagens do bispo de Roma não têm sido entendidas pelos sábios-ignorantes vaticanistas, e pelos sábios-ignorantes dos clérigos das igrejas. Se é possível encontrar na América Latina e na Amazónia, em particular, tantos bispos, presbíteros e diáconos, ao lado da Ecologia e no seu entendimento, vejam-se organismos como a REPAM, nesta Europa, e em Portugal, a iliteracia sobre os documentos e a sua reflexão é nenhuma, e quando o é, lembram-nos, timidamente, nestas semanas chamadas para isso. Há centenas de adesões a esta semana, de várias tradições religiosas, mas param por aí, algumas não católicas-romanas, dizem mesmo não terem especialistas sobre esta matéria, mas, certamente, darão testemunhos e entrevistas sobre o que não sabem o que é! Valha-nos os ateus que prestam muita atenção à questão que se coloca à humanidade e é fulcral para o seu desenvolvimento. Os católico-romanos aderem, mas não querem saber mais do que aderir, pensam que isso é lá com a Amazónia.

A Agência oficial da Igreja Católica Romana em Portugal vai ao ponto de lhe chamar “uma encíclica ecológica e social”. Quão longe andam estes peritos que confundem tudo, e tentam meter os documentos para áreas confinadas, a lembrar o confinamento do COVID -19. Não sei se por ignorância ou por intenção, tentam manietar documentos que são o reflexo da humanidade e da igreja. A explicação redutora do que é entendível por Ecologia, é determinante para a confundir com o Ambiente. Na minha tese de doutoramento sobre “Ecologia e Saúde Ambiental”, tentei explicar, com o contributo de numerosos autores, que “Ecologia” será a vida em casa, numa casa comum que é o universo, é o “oikos” e o “logos”, ou seja, “família” e “estudo”, o que inclui todos os seres vivos. Esta família é uma “vida em casa”, uma relação entre todos os seres vivos. Chamar Ecologia ao Ambiente é uma fraude, porque a Ecologia constitui uma centralidade. Existe uma “Ecologia Integral”, onde pontuam um diálogo espacial e temporal.

Com o enunciado dos Objetivos do Desenvolvimento Sustentável, e o Desenvolvimento Humano Integral, a Ecologia é composta por quatro vertentes: económica, ambiental, social e cultural, sendo que Francisco, e bem!, integra uma chamada a uma Ecologia Espiritual, chave de qualquer desenvolvimento humano e dos seres vivos. Aqui, e em parêntesis, para os seres vivos: é possível que o planeta viva sem os seres humanos, desde que existam insetos, mas o contrário não é possível, isto é, se não existirem insetos, não pode existir sobrevivência humana.

Uma atuação nesta semana especial dedicada ao 5.º aniversário da “Laudato Si`”, só será compreendida se todas e todos atuarmos e percebermos que a Amazónia é na nossa Terra, aqui, em especial, em Portugal. A “Querida Amazónia” e toda a reflexão do Sínodo sobre a Amazónia, é, por antonomásia, “Querida Humanidade”, um desafio, que já é tardio, nestas “Amazónias” depauperadas por uma economia ardente do deus-dinheiro, por incentivas contra todos os ambientes vitais, por um querer perpetuar as pobrezas, no sentido de a “caridade” ser exercida, como poder incontestável e por o esmagamento das culturas dos povos em dinâmica e exercício dos seus quereres e seres.

Como cristãs e cristãos não podemos subverter os “sonhos de Francisco”, que são uma expressão viva dos sentimentos de todas as dimensões religiosas ou não religiosas, onde o espiritual, nos leva ao amor-comum.

Joaquim Armindo

Diácono – Porto – Portugal

Doutor em Ecologia e Saúde Ambiental